

Entrevista da Revista GÊNERO com Regina Navarro Lins acerca do tema MEIOS DE COMUNICAÇÃO E SEXUALIDADE. Psicanalista e sexóloga, é autora do livro “A cama na varanda” (Ed. Rocco) entre outros. Colunista do *Jornal do Brasil*, assina a coluna “Conversa na varanda” do Caderno *Vida*. Teve programa na Rádio Cidade sobre “amor e sexo”. Coordena atualmente um *site* sobre “amor e sexo” na internet, com endereço www.camanarede.com.br

- **Gênero: Qual a potencialidade diferencial na veiculação da discussão sobre sexualidade posta pelo jornal, rádio, TV e Internet?**

Regina Navarro: Geralmente no rádio se tem uma participação dialógica mais imediata: o ouvinte participa de modo direto. O jornal pode ser guardado pelo leitor, que pode guardar a matéria para lê-la depois, ou relê-la, refletir sobre o tema que não se esvai com facilidade. Recebo muitas vezes *e-mails* de leitores dias depois, comentando a coluna, concordando, discordando.

Todos os veículos têm grau de complementaridade. Cada um tem sua importância e atinge públicos diferentes: há quem leia jornal e entre na Internet e não ouve rádio ou assiste à TV, e vice-versa. Para mim, o que encontro como espaço e como objetivo de atuação nesses veículos é contribuir para a mudança das mentalidades. Nesse sentido os meios de comunicação trabalham com o desejo do público, se equivocando muitas vezes. Numa novela freqüentemente há troca de encaminhamentos nos roteiros pensando-se que o público assim o deseja. Não se dá oportunidade do expectador vivenciar outra coisa, como é praxe no final da novela “todo mundo casar com todo mundo”. Existem, no entanto, infinitas formas de viver o amor e o sexo, e a exibição de um panorama mais aberto pode fazer parte da atuação dos veículos de comunicação. Há, no entanto, uma carga de conservadorismo muito grande não no veículo, mas nas pessoas que fazem o programa, que podem entrevistar conservadores ou progressistas.

- **Gênero: Seus leitores têm oportunidade de interagir com você por cartas de correio eletrônico, dando oportunidade de você averiguar**

seu perfil em termos culturais, sexuais e ideológicos. É verdade que a associação com veículos de comunicação de massa impõe um nivelamento “por baixo” dos questionamentos dos leitores?

- **Regina Navarro:** Um primeiro equívoco vigente com relação ao público leitor da minha coluna seria a de que o tema “amor e sexo” só interessa à mulher. Ao contrário, nas cartas dos leitores e no *site* a maioria é formada por homens. O homem vive hoje uma profunda crise, está perdido com relação ao seu papel, enquanto a mulher começou bem antes sua emancipação dos valores patriarcais – e, portanto, a discussão sobre eles. Quando houve, a mais de 30 anos, o movimento de emancipação feminina, esse movimento foi visto pelos homens com sentimentos de desconfiança e não de adesão. Hoje eles discutem abertamente a questão, buscam ajuda, lançam questões... O que era próprio das revistas femininas, a troca sobre o assunto do amor e do sexo, passou a ter outros espaços.

- **Gênero: A noção da reflexividade no campo sociológico diz respeito à produção de reações no outro antes de ela se apresentar. Quais as conseqüências para os seus escritos do conhecimento acerca do perfil de valores e expectativas do teu leitor?**

- **Regina Navarro:** No início do meu trabalho com a mídia, as idéias que tinha acerca de amor e sexo eram libertárias e anticonvencionais e geravam certo receio para mim quanto às suas condições de absorção e aceitação. Fui mesmo expulsa da PUC pelo cardeal devido às minhas idéias. Encontrei resistência do meio. Hoje, porém, sinto que não sou mais “atacada” praticamente. Houve um afrouxamento dos limites dessa moral, de tal ordem, que a imensa maioria de pessoas que são leitores da minha coluna ou do *site* reiteram e reafirmam aquelas idéias que eram anticonvencionais outrora. Acho inclusive que a adesão é surpreendente. Em palestras observo diretamente o público, às vezes interiorano (como Cachoeiro do Itapemirim) e fico surpresa com o nível de questionamento de valores tradicionais ou ideológicos, como a contestação da idéia de amor romântico, com seu exclusivismo e sua perenidade presente nos modelos tradicionais.

Verifico em todos os veículos em que atuo (Internet, jornal, rádio) que a oposição a formas alternativas de amor e sexo é minoritária: isso é visível nas cartas dos leitores do JB. Claro que o que se vislumbra nesse diálogo são tendências. Num grupo hipotético de 50 mulheres, poderíamos verificar desejo majoritário de casamento, marido, filhos. Mas isso não obscurece a tendência presente em outras tantas pessoas de optarem por outro estilo de vida. O amor romântico continua sendo valorizado pelas novelas, filmes, dramaturgia e absorvido pela grande maioria das pessoas... no entanto, ele foi desbancado, vai sair de cena na história das mentalidades em 40 ou 50 anos. Sua historicização aponta para a idealização do outro, das expectativas monogâmicas e da construção de normas e atitudes específicas.

Da mesma forma que a TV e o cinema trabalham a reiteração do amor romântico, um crítico dos costumes pode constatar socialmente que o patriarcado, a partir da pílula, foi abalrado: a fronteira entre feminino e masculino já não é tão delimitada, o que interessa ao homem também é interesse da mulher, homens já cuidam de seus filhos de modo novo, mulheres jogam futebol e dirigem empresas.... sinais de um processo em andamento. Em 150 anos, o sistema patriarcal será coisa do passado, frente a esse processo. As expectativas em relação ao casamento conformavam o marido provedor e a esposa-mãe-dona-do-lar... mas as expectativas atuais de satisfação sexual e completude amorosa fragilizaram esse modelo!

Propagandas do *mass media* expressam esse movimento: numa moderna propaganda televisiva de tênis, enfoca-se um homem fazendo *cooper* e separadamente uma mulher, ao mesmo tempo em que uma voz em *off* vai descrevendo um quadro contextual que vai alterando o passo de cada um, acelerando a corrida, ao dizer: *Homem, você que vai se formar..., vai arrumar um emprego... vai ter um escritório com tantos empregados... fuja enquanto é tempo!!* Para a mulher: *Você que vai casar... que vai ter 3 filhos... que vai receber os amigos do marido para jantar... Fuja enquanto é tempo!!* São nítidos sinais culturais e ideológicos contestadores do padrão tradicional: é o caso de três pessoas morando conjugalmente. É a demanda pela discussão de temas sexuais como o *swing*, que tomou lugar de temas

como a virgindade, que já está para lá de assimilada. A liberação, no entanto, é freqüentemente trabalhada e confundida com uma pseudo-liberação posta nos veículos de comunicação, que fabrica o desejo de forma pasteurizada: Tiazinha, Feiticeiras, etc Mas a abertura dos espaços está posta na ordem do dia em termos do encaminhamento dos desejos libertos dos condicionamentos culturais...

]